



PERTENCER COM: FORMAS DE SER E REEXISTIR

*Fernanda Soeiro Castelo Branco**

Oslo National Academy of the Art, Oslo, Noruega

ORCID: 0009-0004-6047-1768

*Autor correspondente (e-mail: nandacbranco@gmail.com)

– Mas como é isso de *pertencer*? Me sinto parte daqui sem ser daqui. E ao mesmo tempo, de onde sou, sinto que também sou e não sou. É uma eterna falta de pertencimento. – indagou Alice após ter ouvido A Cobra falar.

– Sim, claro. O pertencer nos atravessa. É um atravessar. E, ao pertencer, sabe-se. Corpos, línguas e territórios estabelecem formas de pertencimento entre si, mas essa sensação de eterna falta de pertencimento pode pairar e até ser avassaladora, pois dentro de um pertencimento sempre terá os *não pertencimentos*. Quando esse não pertencimento instaura uma maneira de existir, ele pode paralisar. Não pertencer é como estar flutuando no vácuo, mas também existem alternativas além do paralisar. É possível que uma possibilidade vaze: como de uma fissura, além do *pertencer a*, escorre a possibilidade do *pertencer com*. – disse A Cobra.

– Pertencer com... – repetiu Alice, silenciosamente, para si mesma.

Ela saiu de Terra Brasilis, mais conhecida como Brasil, e após um *aterriza-mento* lá do outro lado do Atlântico, foi ao Caminho do Norte, mais conhecido como Noruega. Ela sou eu que, ao adentrar à escrita, se transmuta em deslocamento. Ao se deslocar de si, aproxima-se e, então, desdobra-se de si, torna-se um ser duplo. E como o lado escuro da Lua, um lado obscuro seu se faz presente na claridade que o distanciamento proporciona. Vê-se um certo todo. Um certo todo que não é o olhar para o mundo, mas que está ali dentro do mundo, de mundos. Esse deslocar pode acabar gerando um estado de desterritorialização, mas também pode abrir possibilidades de reterritorialização nesse novo lugar – em vários lugares. Em vez de se fragmentar, duplica-se a potência. Para isso é preciso levar consigo o lugar de onde ocorreu a desterritorialização. Trazer formas de pertencimento é levar lugares consigo.

Ela não sabia que o processo de aproximar de si seria o de distanciar-se de si mesma. A distância e o tempo têm a capacidade de gerar processos do olhar-pulsar. O olhar pulsante. Essa saída do lugar de origem fez o primeiro distanciamento. O olhar estrangeiro num novo lugar. E dali um não pertencimento. E dali um distanciar-se de si a fez voltar a sua Terra Brasilis e, num súbito momento, dentro do falar em sua língua, sentiu dentro de si um atravessamento: um pertencer genuíno. Um pertencimento à língua. A palavra-corpo. A palavra dentro do corpo. A palavra-corpo no corpo trouxe o estado pleno de pertencimento. Trazer formas de pertencimento é também o experienciar o corpo-palavra no corpo.

– Pertença a essa língua que falo. – apercebeu-se Alice, dizendo sem dizer. Disse a si. O falar dentro de si, em silêncio, tinha voz, tinha som. Alice ouviu-se dizer e nessa fala-corpo experienciou o pertencimento.

Ela pertence à língua materna que fala. Quando se tem esse lugar de pertencimento, ninguém o tira completamente. Tal lugar se manifesta na memória, transpõe tempos e espaços, torna-se presente. Pertencimento é pura resistência e resiliência.

No entanto, muitos corpos e muitas línguas foram saqueados de seus pertencimentos: toda a prática colonialista ataca no cerne do pertencimento ao retirar corpos de seus territórios originários, impondo uma nova língua a ser falada. Mas há resistência, mas há resiliência, sempre há. A constante resistência às imposições colonialistas é a forma de pertencimento que, como exemplo, comunidades quilombolas praticam desde a diáspora.

A própria língua imposta, o português, não se manteve intacto, fiel à sua pureza de língua portuguesa. A língua portuguesa brasileira carrega influências das línguas dos povos originários e dos povos africanos escravizados, além de influências sonoras desses outros falares. Lélia Gonzalez nos oferece o *pretuguês* como língua falada no Brasil, a língua que foi ensinada pelas mães, a língua materna. E quem era mãe no Brasil colonial eram as mães pretas: e sobre essa função da mãe preta, Gonzalez (1983, p. 235) afirma: “a função materna diz respeito à internalização de valores, ao ensino da língua materna e a uma série de outras coisas mais que vão fazer parte do imaginário da gente. Ela passa pra gente esse mundo de coisas que a gente vai chamar de linguagem”.

Assim, foi dentro da língua materna que ela experienciou o pertencimento. Ela teve que se distanciar de sua língua e voltar ao seu país falando com sotaque de gringa, para só então, quase já em pó de fala, fazer o esforço de refalar a própria língua. E como num estalo a língua lhe trouxe pertencimento.

E claro que o pertencimento é uma questão política. Inegavelmente, sendo ela uma pessoa branca, sempre irá pertencer ao *status quo* da existência da supremacia branca que a prática do regime colonial-racial-patriarcal-capitalista (Rolnik, 2022) sustenta. Nesses regimes, o ser branco é o pertencimento, logo, os negros, os povos indígenas e os imigrantes serão sempre o outro, aquele que não pertence. Dentro da perspectiva de racismo estrutural, o outro não é o diferente, mas quem não é, pois existe apenas a afirmação do pertencimento branco: “(...) existem apenas pessoas que deveriam ser como nós e cujo crime é não ser” (Deleuze; Guattari, 1987, p. 178).

Diante desse quadro, a luta de resistência se trava também na esfera da linguagem, da palavra. Para resistir, enfrentar e enfraquecer o colonialismo racial, Antônio Bispo nos oferece o conceito do *contracolonial* (Bispo, 2023), que demonstra que desde sempre existe a resistência e a insistência de manter outras formas de viver, outras formas de pertencimento, como as práticas de vida das comunidades quilombolas e as cosmologias indígenas que mantêm mundos entre mundos – mundos que existem em paralelo ao regime colonial-racial-patriarcal-capitalista que tenta se manter como sendo o *status quo*, dando a impressão ilusória e perversa de que só há esse único mundo de existência; e se você está fora desse mundo, você está fora do mundo.

A vivência branca de pertencimentos e privilégios se dá na esfera das práticas de poder da branquitude. Como diz Cida Bento (2022, p. 14-15), “é a supremacia branca incrustada na branquitude, uma relação de dominação de um grupo sobre o outro (...), na política, na cultura, na economia, e que se assegura privilégios para um dos grupos e relega péssimas condições de trabalho, de vida, ou até a morte, para o outro”. E continua: “o capitalismo racial (...) é um

regime que congrega classe e supremacia branca” (Bento, 2022, p. 41).

Ser branco não significa compactuar com a branquitude, porém requer trabalho e engajamento. O silenciar é o mesmo que compactuar com o racismo estrutural. O se ausentar das discussões raciais, achando que são questões para as pessoas negras darem conta, é também compactuar. As pessoas negras já lidam com as questões raciais desde o nascimento, assim, está mais do que na hora de as pessoas brancas se tornarem aliadas, deixando de compactuar e de ser salvadoras. Está mais que além da hora de se aliarem.

Dentro da experiência branca de pertencimentos privilegiados, não se pode descartar que existem também os não pertencimentos. Ao se deslocar para um outro território, ela é o outro, é imigrante, é quem não é. Se a sua aparência pode, à primeira vista, passar desapercivelmente como nativa em outro país europeu ou escandinavo, trata-se de uma camuflagem temporária, que se desfaz quando diz o seu próprio nome, pois o nome a territorializa. Nessas experimentações de existir, reexistir e reterritorializar-se, ela se pergunta:

– Em vez de entrar num lugar, poderia eu deixar o lugar adentrar-me? – interpelou Alice.

E uma voz respondeu:

– Claro que sim. Vá ao encontro com o futuro.

– Encontrar o futuro? – Alice perguntou procurando pela voz.

Por de trás da bananeira A Cobra veio saindo, onduladamente.

– Não reconheci sua voz. – disse Alice ao ver A Cobra.

– São as folhas de bananeiras-rainhas que abafam as vozes. Sim, uma forma de ir ao encontro com o futuro é o andar de costas. Essa é a forma de praticar o “deixar-se adentrar” por lugares. – Alice não percebeu quando A Cobra foi embora, pois estava atenta ao que poderia significar ir ao encontro com o futuro de costas.

Depois de vários dias sem se ver, Alice e A Cobra se encontram novamente. E já com a pergunta na ponta da língua, Alice disse:

– E qual é o sentido de andar para trás?

– Ver o que não podia ser visto antes. – respondeu A Cobra.

– E o que acontece quando se vê o que não podia ver antes? – perguntou Alice.

– O olhar se amplia, você abre suas perspectivas. E você pode olhar para o passado, onde as memórias se revelam, e observar o presente, que aparece à sua frente enquanto caminha de costas em direção ao futuro desconhecido. Mas, acima de tudo, uma coisa especial acontece... – respondeu A Cobra já se virando, saindo, subindo na árvore.

– Espere! O que acontece? – gritou Alice freneticamente, cheia de curiosidade. A Cobra

continuou se afastando calmamente e disse:

- Experimente você mesma.

A Cobra foi embora e Alice, atônita, viu um cachorro branco passando. O mesmo cachorro que está no filme-performance “whittling away – with a dog” (“talhando com um cachorro”, em português; tradução da autora). Esse filme foi exibido em Oslo, em 2023, dentro da instalação performance duracional “ebbs, eludes, encapsulets, echoes” (“flui, escoo, encapsula, ecoa”; tradução da autora). Esse trabalho faz parte da pesquisa artística de doutorado “environment embodiment – towards poetic narratives” que, atualmente, ela cursa no país Caminho do Norte. A pesquisa explora o conceito de agência de encontros, através das percepções e dos sentidos entre corpo e ambiente. A prática corporal se engaja com uma única ação que aparece em todos os trabalhos artísticos: o andar de costas. A partir de uma perspectiva de *sympoiesis*, de *fazer com*, *tornar-se com* (Haraway, 2016), o projeto propõe o corpo como um ambiente. Com base no estranho familiar, em práticas poéticas e práticas de consciência sensoriais que exploram estados de atenção, evocação, observação e atos de *tornar-se com* essas experiências.

Posicionando-se no campo da performance, a pesquisa artística habita espaços entre gêneros, estilos, mídias e disciplinas, trabalhando com movimento, voz, instalação, vídeo e performance. Ao mesmo tempo, os textos entrelaçam fatos, ficção, realismo fantástico, teoria e poesia. A pesquisa artística explora estados de presença-ausência, vulnerabilidade-estabilidade, evocação-perda, descontinuidade-resistência, com foco nos aspectos cíclicos curtos e longos de temporalidades diárias, do cotidiano, de lugares, territórios e ambientes. Consequentemente, se relaciona com a crise climática que vem afetando de maneira drástica os ciclos naturais.

Tal prática corporal com base na inter-relação intrínseca entre movimento e voz começou lá no início dos anos 2000, em uma intensa colaboração de dez anos com a artista austríaca Christina Lederhaas. Paralelamente, o trabalho delas se concentrou nas relações com a dinâmica interna da voz, com base nas práticas de Grotowski. A prática existiu enquanto trabalhou por quatro anos com a atriz Gey Pin Ang – que durante muitos anos foi atriz da companhia de Grotowski and Thomas Richards. Tudo isso se juntou a explorações livres, aquilo que poderia ser entendido como dança contemporânea, embora ela nunca tenha tido nenhuma formação em dança nem pertença ao campo da dança. Mas, sim, ela trabalha com movimento, o movimento livre, que é acessado através de memórias – memórias corporais. O corpo que lembra. O corpo que sabe. O corpo que tem conhecimento, que tem tecnologia, que tem potência de resistência. O corpo que dança, que dança na chuva, no centro do Rio de Janeiro, no Saara. O corpo que dança no Saara. Numa terça-feira à noite, enquanto a bateria toca na chuva, em resiliência. Na torrente chuva. E ela com seus amigos estão protegidos da chuva, na marquise. Eles assistem à banda tocar.

Subitamente, como num chamado, claro e potente, ela sentiu o pulsar dentro de si e adentrou-se na chuva. Fez uma dança ao redor da bateria, reverenciou a bateria na chuva, e continuou dançando pela rua da frente. Ela viu o centro da cidade em preto e branco. Deserto. Sozinho. O centro do Rio só pra ela enquanto ela dançava; a rua em preto e branco, as poças prateadas. E dali ela seguiu dançando na chuva. Prata para todos os lados. Ela sentiu-se dentro de um Filme de Fellini. Um filme no qual ela fazia parte. Um filme em preto e branco do pratear da noite em chuva, e que, num piscar de olhos, num encantamento, o filme em preto e branco se transformou num filme colorido. Ao se virar, ela viu a banda em que todos estavam

vestidos de amarelo. O corpo que dança e encontra pertencimento.

Outra grande influência em seu trabalho artístico vem da prática da *instant collective creation* ("criação coletiva instantânea"; tradução da autora), uma prática de improvisação envolvendo artistas de diferentes modalidades artísticas, desenvolvida ao longo de dez anos com sua principal colaboradora, a dançarina e performer Luanda Carneiro Jacoel. A base destas improvisações está no jogo e na prática da presença, em que as relações entre corpos, corpos e espaço, corpos e sons, sons e sons, luz, vestimentas e a relação com o público, todas essas relações, são praticadas por meio de jogos e exercícios de estados de presença, de atenção e transformação.

Paralelamente, em 2015, ela terminou uma formação em jardinagem, que teve o impacto de direcionar o seu trabalho artístico para questões ambientais e uma clara relação entre corpo e meio ambiente, culminando em seu projeto de doutorado. A escrita sempre esteve presente, pois além de performer e jardineira, é, antes de tudo, poeta. O doutorado teve início em dezembro de 2020 e foi profundamente afetado pela pandemia, o que acabou influenciando-a a adentrar num processo de desaceleração. Ciclos e relações *sympoiéticas* de *tornar-se com* são os princípios que fundamentam essa pesquisa e sua abordagem artística. A Teoria de Gaia tem sido um dos pilares que sustentam a maneira de pensar sobre as crises ecológicas planetárias e sobre os corpos e o meio ambiente.

Na década de 70, a microbiologista Lynn Margulis e o químico atmosférico James Lovelock desenvolveram a Teoria de Gaia, que propõe que todos os seres vivos são responsáveis pela criação e reconstrução do meio ambiente. Ela difere da perspectiva tradicional da evolução biológica – principalmente da interpretação enganosa, branca e patriarcal europeia da teoria da evolução de Darwin. Essa interpretação neodarwiniana é a que muitos de nós aprendemos nas escolas, na qual se afirma que a evolução das espécies ocorre por meio da competição e da adaptação ao ambiente. A Teoria de Gaia afirma que a Terra é um sistema complexo autorregulável no qual a vida interage e, por fim, se torna seu próprio ambiente: “Gaia é um corpo em forma de planeta” (Margulis; Dorian, 2023, p. 1) numa relação dinâmica entre os seres vivos e o meio ambiente.

No contexto da Teoria de Gaia, isso significa que os seres vivos são gerados pelo ambiente, da mesma forma que o ambiente é criado pelos seres vivos. Os seres vivos e o meio ambiente estão em simbiose.

– Onde termina o corpo, onde começa o mundo? – perguntou A Cobra quando elas se encontraram novamente alguns dias depois.

Alice não sabia como responder a essa pergunta requintada, mas fez um comentário, pois um pensamento passou por sua cabeça enquanto repetia silenciosamente a pergunta feita pela Cobra.

– De fato, essa é uma pergunta intrigante, senhora serpente, não sei a resposta, embora ela me faça pensar que posso ver minhas mãos e a maioria das partes do meu corpo, e também posso ver quase todo o seu corpo. Seu corpo, sob minha perspectiva, é parte do mundo que vejo, um mundo cheio de corpos. Corpos de cadeiras, ar, tijolos, montanhas... Bem, quando penso nisso, o corpo de uma árvore, o corpo de um carro, o corpo da água, todos são corpos que vejo, mas eles também são o mundo. Então, acho que este corpo aqui – eu – também faz parte do mundo para você! Meu corpo é meu corpo e meu corpo é o mundo.

– Ora, ora, ora.... – disse A Cobra com um grande sorriso e sua língua cortada aparecendo por uma fração de segundo, movendo-se rapidamente para fora da boca. E continuou dizendo:

– De fato, de fato.... Não estamos no planeta Terra, estamos dentro dele. A biosfera, juntamente com a atmosfera, é o planeta Terra. Estamos dentro de Gaia.

– Então, você experimentou o andar de costas? – indagou A Cobra.

– Ainda não. – relutante, respondeu Alice.

E talvez a principal e única ação que ela realiza em seu projeto artístico seja consequência de ter iniciado o doutorado durante a pandemia e de ter desacelerado tanto, mas tanto, que começou a andar para trás, tornando-se uma prática. O desacelerar é ir em contrapartida à magnitude, à escala e à velocidade em que ecossistemas estão sendo perturbados. Uma certa parte da humanidade acelerou o tempo de tal forma que muitos ciclos naturais estão fora de sincronia indefinidamente. A prática do andar de costas é um desacelerar-se que acabou se desdobrando em muitas camadas. No entanto, a mais óbvia é o *dar espaço ao espaço*. Dar lugar ao lugar. Desterritorializar-se para reterritorializar-se em pertencimentos.

Na manhã seguinte, ali mesmo onde Alice costumava caminhar, ela experimentou o andar de costas. E de súbito Alice experienciou o que traria para si um estado de pertencimento pleno pela segunda vez. Dessa vez, de fora pra dentro. Alice experienciou ser adentrada pela mata. Alice experienciou ser abraçada pela mata. E esse abraço, sentiu como se fosse também uma jiboia se enroscando toda em seu ser. Se sentiu dentro da jiboia. Se sentiu dentro do útero da mata. Alice se sentiu mata, se sentiu floresta. Se sentiu sendo um. Alice experienciou ser natureza, ser a parte que é todo. Ela aprendeu a reexistir.

Alice experienciou *pertencer com a floresta*.

Referências

- BENTO, C. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **A Thousand Plateaus - Capitalism and Schizophrenia**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987.
- GONZALES, L. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, p. 223-244, 1984.
- HARAWAY, D. **Staying with the Trouble - Making Kin in the Chtchulucene**. Durham: Duke University Press, 2016.
- MARGULIS, L.; SAGAN, D. **Gaia and Philosophy**. [S.l.]: Ignota, 2023.
- ROLNICK, S. Symposium: Suely Rolnik Deconstructs the Colonial Unconscious - YouTube. **YouTube**, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yASMCTAHiVM>. Acesso em: 9 out 2023.
- SANTOS, A. B. **A terra dá, a terra quer**. Belo Horizonte: Piseagrama, 2023.



A **Revista de Comunicação Dialógica** (RCD) é editada pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição- Não Comercial- Compartilha Igual 4.0 Não Adaptada.

Link: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Recebido em: 01/02/2024
Aprovado em: 02/02/2024